GRUPO PSICOEDUCATIVO COM FAMILIARES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

Francinne Gonzalez ANDRIONI

Victor Alexandre Barreto da CUNHA

Carina Alexandra RONDINI

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Câmpus Bauru.

Eixo temático 05 - Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

francinne.andrioni@unesp.br

Resumo

Este estudo consiste em um relato de experiência, de abordagem qualitativa, cujo objetivo é relatar e analisar a condução de um grupo psicoeducativo com familiares de crianças e adolescentes com Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD), buscando compreender as principais demandas e as ressignificações produzidas ao longo dos encontros. A atividade foi desenvolvida no âmbito do projeto de extensão universitária denominado RAIS - Rede de Atendimento Integral ao Superdotado, vinculado a uma universidade pública no interior paulista, durante o ano de 2025. O número de participantes variou entre seis e dezessete pessoas por encontro. Os encontros ocorreram mensalmente, de forma remota, por meio da plataforma *Google Meet*, entre os meses de janeiro e dezembro de 2025. Os resultados apontam que a experiência grupal promoveu não apenas a troca de conhecimentos, mas também a construção coletiva de vivências relacionadas às AHSD. O grupo constituiu-se como um espaço importante de mediação entre família, escola e conhecimentos especializados, favorecendo a ressignificação das concepções acerca das AHSD e fortalecendo as famílias frente aos desafios educacionais, emocionais e institucionais presentes no percurso de desenvolvimento de seus filhos.

Palavras-chave: Superdotação. Mitos. Família.

1. Introdução

Os estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD) constituem público elegível aos serviços da Educação Especial, conforme estabelecido na Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (Brasil, 2025), que pontua sobre o direito à educação inclusiva para estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades ou superdotação, considerando a igualdade de oportunidades, sem

discriminação. O referido Decreto estabelece que a educação especial deve garantir recursos e serviços educacionais que apoiem, complementem e suplementem os processos de escolarização desses estudantes (Brasil 2025), reforçando a compreensão de que os estudantes com AHSD demandam recursos, serviços e apoios educacionais que favoreçam sua aprendizagem, participação e desenvolvimento.

Entre os referenciais teóricos mais difundidos sobre as AHSD, tem-se o Modelo dos Três Anéis, proposto por Joseph Renzulli, que considera as AHSD como resultado da interação entre três traços comportamentais: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade (Renzulli, 2016, 2018). Nesse aspecto, as AHSD são entendidas como um fenômeno contextual e que demanda interação entre indivíduo e seu ambiente, ao invés de ser um construto fixo e restrito apenas ao desempenho intelectual (Virgolim, 2019; Renzulli; Reis, 2022; Fleith; Aspesi, 2025).

Também se compreende que superdotados seriam àqueles que demonstram potencial elevado de desempenho em comparação com seus pares etários, sendo que este potencial pode se manifestar em áreas como capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo, liderança e artes visuais ou performáticas (Brasil, 2008). Logo, evidencia-se que as AHSD não se manifestam de forma homogênea, podendo assumir distintas formas de expressar-se e desenvolver-se.

Nesse sentido, as AHSD não podem ser compreendidas exclusivamente como uma condição inata ou restrita ao indivíduo, mas como um fenômeno que se desenvolve na interação entre indivíduo e contexto, dependendo de oportunidades, mediações sociais, apoio familiar e condições educacionais que favoreçam a expressão de potencialidades. Assim, além de envolver aspectos cognitivos, as AHSD abrangem aspectos emocionais, sociais, culturais e fisiológicos, sendo apontado que indivíduos com AHSD podem representar entre 2,3% a 20% da população (Prignon; Mesquita, 2023).

Apesar do avanço da produção científica sobre AHSD nas últimas décadas, a literatura da área ainda descreve a permanência de mitos, estereótipos, crenças populares e concepções equivocadas acerca do fenômeno, os quais impactam o processo de identificação desses estudantes (Antipoff; Campos, 2010; Farias, 2020; Nakano, 2021; Piske, 2021; Sabatella, 2023), bem como suas vivências nos contextos familiar e escolar (Fleith; Aspesi, 2025). Nesse cenário, muitas famílias enfrentam dificuldades relacionadas à compreensão das questões emocionais, sociais e cognitivas de crianças e adolescentes com AHSD, além de desafios associados ao

acolhimento e ao suporte oferecido pelos diferentes contextos de desenvolvimento. Além disso, a falta de informações sobre AHSD pode gerar insegurança e sobrecarga nas famílias, dificultando a condução adequada das demandas emocionais e comportamentais apresentadas por esses estudantes (Delou, 2007; Medeiros *et al.*, 2017; Ogeda; Pedro, 2021).

Nesse contexto, reforça-se a importância de iniciativas psicoeducativas como estratégias de apoio e orientação às famílias, visando ampliar a compreensão sobre a superdotação e contribuir para práticas mais assertivas de cuidado e acompanhamento. Os grupos de psicoeducação configuram-se como modalidades interventivas que articulam acolhimento, compartilhamento de experiências e mediação de conhecimentos teóricos, buscando favorecer processos de reflexão, elaboração coletiva e ampliação de compreensão dos participantes sobre determinadas vivências e fenômenos (Oliveira; Firbida; Facci, 2023). Nesse sentido, podem caracterizar-se como importantes espaços de construção coletiva, por promoverem trocas entre os participantes, desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e ampliação do repertório conceitual sobre as AHSD.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a condução de um grupo psicoeducativo com familiares de crianças e adolescentes com AHSD, buscando compreender as principais demandas e as ressignificações produzidas ao longo dos encontros.

2. Pressupostos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa (Mattar; Ramos, 2021), construído a partir da condução de um grupo psicoeducativo voltado a familiares de crianças e adolescentes com AHSD, ao longo do ano de 2025, desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Universitária, de uma universidade pública do interior paulista, intitulada Rede de Atendimento Integral ao Superdotado (RAIS).

Os encontros ocorreram de forma remota, por meio da plataforma *Google Meet*, com periodicidade mensal, entre os meses de janeiro e dezembro de 2025, com duração aproximada de 90 minutos por encontro, totalizando 18 horas ao todo. O grupo contou com participação variável de familiares ao longo dos encontros, predominantemente mães, além da presença ocasional de profissionais da educação

interessados na temática. O número de participantes oscilou entre seis e dezessete pessoas por encontro.

A proposta do grupo teve caráter psicoeducativo, buscando promover espaços de escuta, acolhimento, troca de experiências e ampliação da compreensão acerca das AHSD. Os encontros foram organizados a partir das demandas emergentes trazidas pelos participantes, bem como de temáticas consideradas relevantes para o acompanhamento de crianças e adolescentes com indicadores de AHSD.

Os temas abordados ao longo dos encontros foram, respectivamente: levantamento de interesse e apresentação do Projeto RAIS; identidade grupal e o processo de volta as aulas dos estudantes; aceleração de estudos; políticas públicas; complementação e suplementação de conteúdos; enriquecimento curricular; mitos sobre AHSD; sinalização/identificação *versus* diagnóstico; percepções sobre AHSD; retomada sobre mitos e processo de identificação; atualização da Política Nacional de Educação Especial Inclusiva; e síntese para encerramento do ano com informações prévias para organização da retomada dos encontros no ano seguinte. Os encontros foram conduzidos por meio de estratégias diversificadas de mediação, incluindo rodas de conversa, exposição dialogada, discussão de textos e legislações, dinâmicas interativas, utilização de plataformas digitais colaborativas (Mentimeter, Google Forms e Jamboard) e atividades coletivas de reflexão.

Os registros produzidos ao longo dos encontros foram submetidos a uma análise temática de caráter interpretativo. Inicialmente, realizou-se a leitura integral das anotações dos encontros, das sínteses temáticas, dos registros de *chat* e dos materiais produzidos durante as atividades, buscando familiarização com o conjunto dos dados. Posteriormente, foram identificados temas recorrentes relacionados às demandas das famílias, aos processos de ressignificação e às experiências compartilhadas no grupo. Esses temas foram organizados em eixos analíticos e interpretados à luz da literatura sobre grupos psicoeducativos, desenvolvimento humano e AHSD.

Por fim, no que se refere aos aspectos éticos, os familiares que estabeleciam contato com o referido projeto de extensão eram previamente orientados sobre a possibilidade de participação nas atividades desenvolvidas, conforme os princípios éticos aplicáveis às pesquisas e intervenções com seres humanos (Brasil, 2016). Além disso, os participantes eram informados de que a participação no grupo psicoeducativo possuía caráter facultativo, podendo desistir dos encontros a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Para tanto, realizavam a assinatura do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE), sendo explicados os objetivos e funcionamento do Projeto RAIS, incluindo a possibilidade de participação do grupo psicoeducativo para famílias de crianças e adolescentes com AHSD. Desse modo, participaram dos encontros apenas os familiares que manifestaram interesse voluntário, após as devidas orientações e esclarecimentos. Cabe destacar ainda que a mediação dos encontros era realizada por uma psicóloga colaboradora do projeto de extensão, de modo que as atividades desenvolvidas também se orientavam pelos princípios éticos estabelecidos pelo Conselho Federal de Psicologia (2005), especialmente no que se refere ao compromisso e promoção de práticas pautadas na responsabilidade profissional e no cuidado ético nas relações grupais.

3. Resultados e Discussões

Ao longo dos encontros realizados no grupo psicoeducativo da RAIS, observou-se que as demandas trazidas pelas famílias iam além das dúvidas pontuais sobre AHSD, envolvendo também questões emocionais, sociais e institucionais relacionadas ao desenvolvimento das crianças e adolescentes. Os relatos evidenciaram, especialmente nos encontros iniciais, sentimentos recorrentes de insegurança, isolamento e dificuldade de comunicação com a escola. Entre as situações compartilhadas pelas famílias, destacaram-se o receio de comunicar à instituição escolar a condição de AHSD dos filhos, experiências de deslegitimação das demandas familiares e preocupações relacionadas ao sofrimento emocional e à dificuldade de pertencimento social das crianças. Tais aspectos também têm sido descritos na literatura como experiências frequentes entre famílias de estudantes com AHSD, especialmente em contextos marcados pela invisibilidade das necessidades educacionais e emocionais desse público (Pérez, 2008; Pedro; Ogeda; Chacon, 2017).

Nesse cenário, a relação entre família e escola mostrou-se como uma das principais tensões presentes no grupo, destacando que algumas famílias relataram experiências de incompreensão institucional, incluindo solicitações excessivamente centradas na exigência de “diagnóstico” formal e interpretações equivocadas de comportamentos associados às AHSD. Além disso, apareceram com frequência preocupações relacionadas à socialização, à desmotivação escolar e ao sofrimento emocional vivenciado pelas crianças em contextos pouco responsivos às suas necessidades educacionais e emocionais.

Neste aspecto, estudos apontam que concepções reducionistas em relação as AHSD ainda permanecem fortemente presentes nos contextos escolares, frequentemente associando superdotação exclusivamente ao alto desempenho acadêmico ou à ausência de dificuldades emocionais e sociais (Farias, 2020; Piske, 2021; Sabatella, 2023). Ao mesmo tempo, os encontros do grupo psicoeducativo revelaram uma busca significativa das famílias por compreensão conceitual e legitimação de suas experiências. Questões relacionadas à aceleração de estudos, enriquecimento curricular, legislação educacional, sinalização e diagnóstico estiveram entre os temas que mais mobilizaram os participantes ao longo do ano. Observou-se que muitas famílias buscavam não apenas informações técnicas, mas também auxílio para que pudessem compreender comportamentos, interesses e modos de funcionamento de seus filhos para além de interpretações moralizantes ou patologizantes. Esse resultado reforça que as demandas das famílias de estudantes com AHSD extrapolam a busca por informações conceituais, envolvendo também a necessidade de compreender as especificidades do desenvolvimento de seus filhos e de encontrar estratégias para lidar com os desafios cotidianos decorrentes dessa condição (Ogeda; Pedro, 2021; Fleith; Aspesi, 2025).

Sob essa perspectiva, os processos de significação acerca das AHSD podem ser construídos socialmente por meio das interações e mediações simbólicas estabelecidas nos diferentes contextos de desenvolvimento (Vygotsky, 1998) - como por exemplo, o grupo psicoeducativo de pais, que aparenta ter operado como espaço de mediação entre experiências familiares frequentemente fragmentadas e compreensões conceituais sobre AHSD.

Outro aspecto recorrente ao longo da experiência grupal foi a presença de concepções equivocadas, frequentemente descritas na literatura como mitos relacionados às AHSD. No início, identificaram-se concepções que associavam estudantes com AHSD a alto elevado rendimento escolar, independência emocional, facilidade social ou desenvolvimento homogêneo em todas as áreas. A discussão coletiva dessas ideias, mediada por dinâmicas, textos científicos e atividades reflexivas, favoreceu a problematização progressiva dessas concepções. Ao longo dos encontros, observou-se um deslocamento gradual de compreensões mais simplificadas para perspectivas mais amplas e multifacetadas das AHSD, envolvendo criatividade, intensidade emocional, interesses específicos, processos cognitivos atípicos e aspectos contextuais do desenvolvimento. Esse movimento aproxima-se das discussões apresentadas por Farias (2020), Piske (2021) e Sabatella (2023), ao

evidenciar que a compreensão das AHSD demanda a superação de concepções estereotipadas e reducionistas ainda presentes no contexto social e educacional.

A dinâmica “o que é verdadeiro ou falso”, utilizada em diferentes encontros do grupo, consistia na apresentação de afirmações relacionadas às AHSD para que os pais discutissem coletivamente se tais ideias correspondiam ou não às evidências científicas e/ou às vivências familiares. Entre as afirmações discutidas estavam concepções frequentemente presentes no senso comum, como a ideia de que estudantes com AHSD necessariamente apresentam alto rendimento em todas as disciplinas, não enfrentam dificuldades emocionais, possuem facilidade de socialização ou não necessitam de apoio educacional especializado. A partir dessas afirmações disparadoras, os participantes eram convidados a justificar suas respostas, compartilhar suas experiências e refletir sobre os significados atribuídos às AHSD. Referente a escolha desta estratégia, mediada por problematizações coletivas e reflexão compartilhada, a literatura têm apontado como recurso relevante em intervenções psicoeducativas, favorecendo processos de ressignificação e ampliação da consciência crítica acerca das experiências vividas (Oliveira; Firbida; Facci, 2023).

Neste aspecto, a dinâmica mostrou-se particularmente mobilizadora para a desconstrução de crenças equivocadas, onde as discussões possibilitaram ampliar a compreensão das famílias a respeito da heterogeneidade das manifestações das AHSD, bem como da possibilidade de coexistência entre AHSD e dificuldades emocionais, sociais ou de aprendizagem. Nesse aspecto, temas como dupla excepcionalidade, inclusão educacional e necessidade de atendimento especializado passaram a ocupar maior centralidade nas discussões grupais. Para discussão dos mitos associados ao campo das AHSD, foi utilizado o estudo de Pedro, Ogeda e Chacon (2017), que analisa concepções equivocadas amplamente difundidas sobre o fenômeno.

Além da dimensão informativa, o grupo também se constituiu como espaço de acolhimento e construção de pertencimento entre as famílias, considerando que os registros dos encontros evidenciaram manifestações frequentes de reconhecimento mútuo, identificação entre experiências compartilhadas e valorização do grupo enquanto espaço de escuta e apoio. Alguns comentários realizados pelos participantes indicaram que o contato com outras famílias favoreceu processos de validação emocional e diminuição do sentimento de isolamento frequentemente associado à vivência parental no contexto das AHSD, nesse sentido, o grupo não era apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas uma construção coletiva de elaboração de experiências, fortalecimento subjetivo e construção compartilhada de sentidos. Esse

aspecto converge a literatura ao apontar que espaços de orientação destinados às famílias favorecem o compartilhamento de experiências, reduzem sentimentos de isolamento e fortalecem as redes de apoio necessárias ao acompanhamento de estudantes com AHSD (Fleith; Aspesi, 2025).

Observou-se ainda que os encontros apresentaram uma progressiva complexificação temática ao longo do ano, pois, inicialmente as demandas eram centradas em questões mais imediatas e práticas, contudo, com o passar do tempo, as discussões passaram gradativamente a incorporar reflexões mais amplas sobre desenvolvimento humano, políticas públicas, concepções de inteligência, processos de identificação e práticas educacionais inclusivas. Esse movimento indica que a continuidade dos encontros favoreceu não apenas o acesso das famílias a informações sobre as AHSD, mas também a ampliação do seu repertório conceitual e a construção de uma compreensão mais crítica, reflexiva e contextualizada a respeito do fenômeno, como disposto na literatura sobre grupos psicoeducativos (Oliveira; Firbida; Facci, 2023).

De modo geral, a experiência do grupo psicoeducativo evidencia a relevância de espaços coletivos de mediação e compartilhamento de experiências no contexto das AHSD, especialmente diante da permanência de mitos, processos de invisibilização e dificuldades institucionais frequentemente relatadas por famílias de crianças e adolescentes com AHSD. Os resultados encontrados dialogam com estudos que apontam a necessidade de ampliação de ações psicoeducativas voltadas às famílias, considerando seu potencial para favorecer processos de compreensão, fortalecimento subjetivo e ampliação das redes de apoio relacionadas ao desenvolvimento de estudantes com AHSD (Fleith; Aspesi, 2025; Ogeda; Pedro, 2021).

4. Considerações Finais

Considerando o objetivo de relatar e analisar a condução de um grupo psicoeducativo com pais de crianças e adolescentes com AHSD, buscando compreender as principais demandas e as ressignificações produzidas ao longo dos encontros, entende-se que a experiência do grupo psicoeducativo da RAIS alcançou seu propósito enquanto espaço de acolhimento, troca de experiências e construção coletiva de vivências a respeito das AHSD. Ao longo dos encontros, observou-se a ampliação dos conhecimentos das famílias sobre o fenômeno das AHSD, bem como a

desconstrução de concepções iniciais equivocadas, permeadas por mitos e estereótipos relacionados à temática. Além disso, os encontros favoreceram reflexões no tocante ao desenvolvimento humano, das necessidades educacionais específicas e da heterogeneidade de expressão das AHSD, contribuindo para a construção de compreensões contextualizadas e menos reducionistas sobre o respectivo fenômeno.

Os resultados também evidenciaram que as principais demandas trazidas pelas famílias ultrapassavam aspectos exclusivamente informativos, envolvendo vivências de sofrimento emocional, dificuldades de comunicação com a escola, inseguranças relacionadas ao processo de identificação e preocupações sobre o desenvolvimento social e emocional de seus filhos. Nesse sentido, o grupo mostrou-se relevante como espaço informativo, de escuta, validação emocional e fortalecimento subjetivo das famílias, pois possibilitava o compartilhamento de experiências entre os participantes, favorecendo processos de reconhecimento mútuo e pertencimento.

Por fim, considera-se que a experiência relatada aponta para a relevância da articulação entre universidade, famílias e comunidade, na promoção de ações voltadas às AHSD, especialmente diante da permanência de mitos, desinformações e dificuldades institucionais relacionadas ao reconhecimento e atendimento desse público. Desse modo, ressalta-se a necessidade de ampliação de iniciativas semelhantes, considerando o potencial dos grupos psicoeducativos enquanto propostas de mediação, acolhimento e construção coletiva de conhecimentos sobre as AHSD.

Entretanto, é importante considerar que os resultados apresentados devem ser compreendidos a partir de suas especificidades metodológicas, caracterizado como um relato de experiência de abordagem qualitativa, não sendo possível generalizar os achados para outros contextos ou fazer afirmações causais. Além disso, os dados analisados foram dispostos a partir de registros produzidos ao longo dos encontros e das percepções dos participantes e mediadora, somado ao fato do grupo ter sido realizado em formato remoto, o que implica em limites relacionados à subjetividade das interpretações e interação entre os participantes.

Diante dessas considerações, sugere-se que estudos futuros possam investigar os efeitos de grupos psicoeducativos com famílias de estudantes com AHSD a partir de delineamentos metodológicos mais sistemáticos; além da ampliação de investigações a respeito dos impactos emocionais, sociais e subjetivos vivenciados pelas famílias ao longo do desenvolvimento desses estudantes e; sobre a compreensão do modo que estratégias psicoeducativas podem favorecer processos

de empoderamento parental, fortalecimento das redes de apoio e promoção de práticas educacionais mais inclusivas e responsivas às necessidades de crianças e adolescentes com AHSD.

5. Principais Referências

ANTIPOFF, C. A.; CAMPOS, R. G. de F. Superdotação e seus mitos. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 301-309, jul./dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025*. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (PNEEI) e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 out. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP, 2005.

DELOU, C. M. C. O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades e Talentos. *In*: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E. M. L. S. *Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades*: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.131-141.

FARIAS, E. R. S. *Mitos, teorias e verdades sobre altas habilidades/superdotação*. Curitiba: InterSaberes, 2020.

FLEITH, D. S.; ASPESI, C. C. *Desenvolvendo o potencial de crianças superdotadas*: guia prático para famílias. Curitiba: Appris, 2025.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. *Metodologia da Pesquisa em Educação*: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. 1.ed. - São Paulo: Edições 70, 2021.

MEDEIROS, A. I. O. Et al. Superdotação/Altas Habilidades percebidas por pais e professores do ensino fundamental, nível I. *Revista on line de Políticas e Gestão Educacional*, v. 21, n. Esp. 2, p. 1179-1194, nov. 2017.

NAKANO, T. C. *Triagem de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação* (TIAH/S). São Paulo: Vetor, 2021.

OGEDA, C. M. M.; PEDRO, K. M. A família, como vai? Percepção de pais e mães do Programa de Atenção ao Estudante Precoce com Comportamento Superdotado. *Revista Educação Especial*, v. 34, p. 1-25, 2021.

OLIVEIRA, G. R. S.; FIRBIDA, F. B. G.; FACCI, M. G. D. Relato de pesquisa sobre a intervenção dos psicólogos em grupos de atendimento psicoeducacional: contribuições da psicologia histórico-cultural. *Obutchénie*: Revista de Didat. e Psic. Pedag., Uberlândia/MG, v. 7, n. 2, p.1-25, mai./ago. 2023.

PEDRO, K. M.; OGEDA, C. M. M.; CHACON, M. C. M. Verdadeiro ou falso? Uma análise dos mitos que permeiam a temática das altas habilidades/superdotação. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 10, n. 3, p. 111-129, set./dez. 2017.

PÉREZ, S. G. P. B. *Gasparzinhos na escola*: um estudo sobre as altas habilidades/superdotação e o fenômeno da invisibilidade. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PISKE, F. H. R. *Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD)*: Identificação, Mitos e Atendimento. Curitiba: Juruá, 2021.

PRIGNON, S.; MESQUITA, T. *Deu Zebra!*: descobrindo a superdotação. Editora: Artêra Editorial, 2023.

RENZULLI, J. S. A Concepção de Superdotação no Modelo dos Três Anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. *In*: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. *Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade:* uma visão *multidisciplinar* [livro eletrônico]. (p. 219-264). Campinas: Papirus, 2016.

RENZULLI, J. S. Reexaminando o Papel da Educação para Superdotados e o Desenvolvimento de Talentos para o Século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes. *In*: VIRGOLIM, A. (org.). *Altas Habilidades/Superdotação*: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. Curitiba: Juruá, 2018. p. 19-42.

RENZULLI, J. S; REIS, S. M. A concepção dos Três Anéis de Superdotação e o Modelo de Enriquecimento Escolar: uma abordagem de desenvolvimento de talentos para todos os estudantes. *In*: PISKE, F. H. R. Et al. (org.). *Altas Habilidades Superdotação: AH/SD*: Talentos, criatividade e potencialidades. São Paulo: Vetor, 2022. p. 17-50.

SABATELLA, M. L. P. *Talento e Superdotação*: problema ou solução? Curitiba: InterSaberes, 2023.

VIRGOLIM, A. *Altas habilidades/superdotação*: um diálogo pedagógico urgente. Curitiba: InterSaberes, 2019.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.